



CURSO ONLINE DE TEOLOGIA

# APOLOGÉTICA DO ANTIGO TESTAMENTO

Aprendendo a Defender a Veracidade  
dos Fatos Narrados no A.T.

# INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

*PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ*  
*CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA*

DISCIPLINA

## **APOLOGÉTICA DO ANTIGO TESTAMENTO**

*(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)*

**BRASIL, MA**

*Versão 2021*

*Pesquisa e Organização do Conteúdo:*

**Instituto de Teologia Logos, EA**

*Gráficos, Edição e Finalização:*

**Instituto de Teologia Logos, EEG**

---

**DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP**

CÓDIGO DCIP: 001-067-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON67

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **APOLOGÉTICA DO ANTIGO TESTAMENTO.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 117 pgs.

---

**Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino**

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | [institutedeteologialogos@hotmail.com](mailto:institutedeteologialogos@hotmail.com)

# SUMÁRIO

<b>1 - DEFININDO APOLOGÉTICA.....</b>	<b>8</b>
1.1. DEFINIÇÃO .....	8
1.2. BASE BÍBLICA DA APOLOGÉTICA.....	9
1.3. MOTIVOS BÍBLICOS EM FAVOR DA APOLOGÉTICA .....	9
1.4. VISÃO HISTÓRICA DA APOLOGÉTICA .....	11
<b>2 - A NATUREZA DO ANTIGO TESTAMENTO .....</b>	<b>14</b>
2.1. SUMÁRIO DA HISTÓRIA DO CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO .....	18
2.2. QUANDO FOI CONCLUÍDA A TERCEIRA PARTE DA BÍBLIA HEBRAICA? .....	19
2.3. A INFALIBILIDADE DOS AUTÓGRAFOS ORIGINAIS.....	20
2.4. A TRANSMISSÃO DO TEXTO NÃO É NECESSARIAMENTE INFALÍVEL .....	21
2.5. A DOCTRINA DA INSPIRAÇÃO AFIRMADA PELAS PRÓPRIAS ESCRITURAS .....	23
<b>3 - A CRÍTICA BÍBLICA .....</b>	<b>26</b>
3.1. ATAQUE DIRECIONADO.....	26
3.2. DEFINIÇÃO DE TERMO .....	26
3.3. BREVE HISTÓRIA DA ALTA CRÍTICA BÍBLICA .....	27
3.4. HIPÓTESE DOCUMENTÁRIA.....	28
3.5. A VERDADEIRA CAUSA DO CONFLITO.....	29
3.6. O SOBRENATURALISMO .....	30
3.7. INFLUÊNCIAS DO EVOLUCIONISMO .....	32
<b>4 - BÍBLIA: OBRA DIVINA OU HUMANA? .....</b>	<b>35</b>
4.1. SUA INSPIRAÇÃO .....	35
4.2. A IMPORTÂNCIA DA CORRETA DOCTRINA SOBRE A INSPIRAÇÃO .....	40
<b>5 - O CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO.....</b>	<b>43</b>
5.1. A IMPORTÂNCIA DOS ROLOS DO MAR MORTO.....	43
5.2. O TRABALHO DOS COPISTAS .....	44
<b>6 - A ARQUEOLOGIA E A BÍBLIA .....</b>	<b>47</b>
6.1. A IMPORTÂNCIA DA ARQUEOLOGIA BÍBLICA .....	47
6.2. OS LIMITES DA ARQUEOLOGIA .....	48
<b>7 - GÊNESIS – OS SEIS DIAS DA CRIAÇÃO E A IDADE DO MUNDO.....</b>	<b>52</b>
7.1. A PALAVRA YŌM .....	53
7.2. O CRIACIONISMO BÍBLICO E O EVOLUCIONISMO MODERNO .....	58
7.3. A ANTIGUIDADE DA RAÇA HUMANA.....	64
7.4. A HISTORICIDADE DE ADÃO E A QUEDA .....	65
<b>8 - O DILÚVIO .....</b>	<b>68</b>
8.1. DEFININDO O QUE É DILÚVIO.....	68

8.2.	AS CARACTERÍSTICAS DOS POVOS PRÉ-DILUVIANOS .....	68
8.3.	PREPARATIVOS PARA O DILÚVIO .....	69
8.4.	QUANDO VEIO O DILÚVIO? .....	70
8.5.	QUANTO TEMPO DUROU O DILÚVIO? .....	70
8.6.	O RELATO DO DILÚVIO NA TRADIÇÃO DOS POVOS .....	71
8.7.	O DILÚVIO NOS ESTUDOS DA GEOLOGIA .....	75
8.8.	O DILÚVIO NOS ESTUDOS DA ARQUEOLOGIA .....	76
8.9.	ONDE ESTÁ A ARCA DE NOÉ? .....	77
<b>9 -</b>	<b>PESSOAS, CIDADES E POVOS DO ANTIGO TESTAMENTO .....</b>	<b>79</b>
9.1.	PESSOAS .....	79
9.2.	CIDADES .....	80
9.3.	POVOS.....	81
9.4.	OUTRAS DESCOBERTAS .....	81
<b>10 -</b>	<b>RESPOSTA ÀS OBJEÇÕES DOS CRÍTICOS AO ANTIGO TESTAMENTO .....</b>	<b>84</b>
10.1.	AUTORIA DO PENTATEUCO .....	84
10.2.	COMPILAÇÃO OU REVELAÇÃO? .....	86
10.3.	A DATA DO PENTATEUCO .....	86
10.4.	A CRIAÇÃO .....	87
10.5.	O DILÚVIO .....	89
10.6.	A TORRE DE BABEL .....	91
10.7.	OS PATRIARCAS.....	92
10.8.	MONOTEÍSMO .....	93
10.9.	SODOMA E GOMORRA.....	94
10.10.	JOSÉ .....	95
10.11.	MOISÉS .....	96
10.12.	O ÊXODO.....	98
10.13.	A LEI.....	100
10.14.	A ARCA DA ALIANÇA .....	101
10.15.	O MAR VERMELHO.....	101
10.16.	CANAÃ .....	102
10.17.	A RELIGIÃO DOS CANANEUS .....	104
10.18.	AS MURALHAS DE JERICÓ .....	104
10.19.	DAVI E SALOMÃO .....	106
10.20.	JUÍZES, REIS E PROFETAS.....	107
10.21.	PROFECIAS .....	109
10.22.	TIPOS DE PROFECIAS .....	109
10.23.	O SOL REALMENTE PAROU? O LONGO DIA DE JOSUÉ (10.12-14) .....	113
10.24.	O PROFETA JONAS, SUA PROFECIA E LIVRO .....	114
10.25.	OBJEÇÕES HISTÓRICAS CONTRA A AUTENTICIDADE DO LIVRO DE JONAS .....	115

## APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.





**AULA  
01**

# 1 - DEFININDO APOLOGÉTICA

Referindo-se a supostos erros da Bíblia, Agostinho colocou a questão da seguinte maneira: “Num caso desses, dever haver erro do copista, ou tradução mal feita do original, ou então sou eu mesmo que não consigo entendê-la”. Essas palavras de Agostinho ditas há mais de 1.700 anos, parecem não mais surtir efeito na moderna abordagem que muitos estudiosos bíblicos fazem das Escrituras hoje em dia. A Bíblia sempre esteve sob fogo cruzado, seja no campo teológico ou no científico. O começo do milênio nos trouxe um exemplo vívido disso. Nesses primeiros anos do novo milênio assuntos referentes à Bíblia estiveram por várias vezes em manchetes nas primeiras páginas das mais importantes revistas do país. Este hábito parece ser crescente e está virando moda entre a mídia escrita. Sempre que tocam em matéria de cunho religioso voltado para a religião judaico-cristã, há uma tendência deliberada em negar os eventos históricos da Bíblia, a existência de Jesus e a veracidade da fé.

Manchetes como Deus, precisamos dEle?; Eles querem Deus na ciência; Abraão existiu?; Bíblia, o que é verdade e o que é lenda?; Jesus traído; Fé, por que e como acreditamos e outras contribuíram para avolumar a biblioteca dos céticos.

Aqui trataremos de assuntos de grande relevância para o aluno no que concerne à apologética. Examinaremos as críticas que freqüentemente são levantadas contra ao Antigo Testamento. É o Antigo Testamento um mito? Podemos encarar a maioria de suas passagens como fatos históricos ou simplesmente alegóricos? Os milagres registrados no Pentateuco realmente existiram? Consideraremos questões como a inspiração, infalibilidade, profecias e por fim uma refutação dos principais pontos polêmicos do Antigo Testamento levantados pelos críticos para diminuir o valor deste documento. Antes, porém, vamos saber qual a importância que possui o Antigo Testamento para o povo de Deus.

## 1.1. Definição

A apologética é a ciência ou disciplina racional que se esforça por apresentar a defesa da fé religiosa, existindo dentro e fora da Igreja cristã. O termo é usado em contraste com polêmica, que é um debate efetuado entre cristãos a fim de determinar a verdadeira posição cristã sobre alguma questão específica.

Presumivelmente, a apologética aborda questões defendidas por alguma fé religiosa específica, como o cristianismo, mas que são negadas pelos incrédulos. No uso comum, a palavra é usualmente empregada para indicar a defesa do cristianismo.



Positivamente, a apologética tenta elaborar e defender uma visão cristã de Deus, da alma e do mundo, uma visão apoiada por raciocínios reputados capazes de convencer os não-cristãos da veracidade das doutrinas envolvidas.

Negativamente, trata-se de um esforço para antecipar possíveis pontos de ataque defendendo as doutrinas cristãs contra tais ataques. A palavra. O termo vem do grego, apologia, “defesa”, uma resposta ao ataque (At 26.1; 1Pd 3.16). O famoso diálogo de Platão, a Apologia, expõe a defesa de Sócrates diante de seus acusadores.

## 1.2. Base Bíblica da Apologética

Alguns fazem oposição a qualquer defesa da fé cristã, supondo que o conhecimento da verdade por meio da revelação é perfeito, e não requer qualquer raciocínio humano em sua defesa. orém, a idéia que a revelação, coada por mentes humanas, é perfeita, capaz assim de produzir um perfeito corpo de verdades conhecidas, não passa de um dogma formulado pelo homem, e não uma doutrina da própria Bíblia. De fato, essa idéia é uma apologia em favor de um dos modos de se obter conhecimento.

Em qualquer instância em que algum argumento é apresentado nas Escrituras, não diretamente alicerçado sobre algum texto de prova, dentro da Bíblia, é uma apologia dentro dos livros sacros. Tomemos como exemplo o primeiro capítulo da epístola aos Romanos. Paulo mostra a culpa e a impossibilidade de defesa dos pagãos, diante da mente divina. Ele erige uma apologia em favor de certas idéias básicas, e muitos capítulos das epístolas de Paulo podem ser encarados por esse prisma.

## 1.3. Motivos Bíblicos em Favor da Apologética

O trecho de 1Pd 3.15 faz esta declaração direta. “... estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós”. Fica entendido que tal resposta conterà raciocínios acerca da fé, e não apenas textos de prova extraídos da Bíblia.

Segundo salientamos acima, no Novo Testamento há muita apologia, e em certo sentido, o próprio volume sagrado é uma apologia em prol da nova religião, em conflito com o antigo judaísmo e com o paganismo. O cristianismo enfrentou um sistema helenizador, no qual a filosofia tinha grande peso. No décimo sétimo capítulo de Atos, Paulo não hesitou em apelar diretamente à apologética, utilizando argumentos filosóficos, procurando convencer os atenienses. O evangelho de Lucas é uma apologia escrita para um oficial romano, a fim de procurar conquistar posição oficial para a nova fé, fazendo assim estacar a perseguição. “... para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído” (Lc 1.4). Essa era a certeza que Lucas procurou transmitir aos seus leitores.

As próprias denominações cristãs são atividades apologéticas. Alguns têm imaginado que a apologia é uma espécie de “ausência de fé”, e não de defesa de fé. Tais pessoas partem do pressuposto que a fé não precisa ser defendida. Mas com isso olvidam-se que os homens interpretam a fé das mais variadas maneiras.

Qual é a fé que não precisa ser defendida? Se alguém retrucar que é a fé bíblica, devemos- nos lembrar que as denominações que se utilizam a Bíblia como autoridade estão longe de concordar com a natureza exata da fé que emerge das páginas da Bíblia.

Muito mais se verifica quando saímos para fora das fronteiras da igreja cristã e conversamos com incrédulos bem-informados acerca da “fé”. Eles têm informações suficientes para saber que tal fé, em qualquer forma que ela assuma, tem tal forma precisamente por causa de uma apologia por detrás da mesma que caracteriza alguma denominação particular.

Cada denominação tem sua própria apologia que dá forma às suas doutrinas e ao seu sistema, a despeito da reivindicação de que aquilo que é exposto é apenas a fé bíblica. Esses fatos não anulam nem a fé e nem a verdade, mas requerem uma cuidadosa apologia a respeito da fé, examinando-a, definindo-a e promovendo-a.

A natureza do conhecimento força-nos a apelar para a apologética. O conhecimento não tem uma única origem. Antes, pode ser adquirido por estes meios:

- **A observação empírica**, baseada nos sentidos;
- **a intuição**, visto que o homem é um ser que tem ciência, e que mesmo sem investigação sabe de certas coisas, tal como sucede com Deus;
- **a razão**, com a qual o homem foi dotado, pode penetrar em enigmas e desencavar a verdade, à parte da experiência prática ou empírica formal;
- **a revelação**, que é conhecimento outorgado como dom de Deus. A revelação é uma subcategoria do misticismo.

Deus dá conhecimento por meio de homens santos, através de visões, profecias, sonhos, etc. (experiência mística), reduzidas à forma escrita, tornando-se um Livro Sagrado. Tudo isso se sucede, mas o conhecimento é mais amplo do que isso, derivando-se de mais de uma direção. Ademais, a razão e a intuição nunca cessam de examinar o conhecimento que nos chega através da revelação, porquanto há revelações incompletas, havendo até mesmo revelações que não são válidas. Em outras palavras, na busca pela verdade, precisamos de muitas fontes, de muitos meios.

O fato de que o conhecimento chega até nós através de grande diversidade de meios, demonstra a nossa necessidade de uma apologia mediante a qual possamos testar, avaliar e defender a verdade. Ver os artigos separados como o empirismo, a intuição, o

racionalismo, o misticismo e conhecimento, fontes de. O palácio do conhecimento tem muitas portas e janelas através das quais as informações entram e saem. Limitar esse palácio a uma única porta (a revelação, e a fé baseada na revelação) é contar com unia casa muito estranha, de fato.

#### 1.4. Visão Histórica da Apologética

Deve-se entender desde o princípio que a apologética necessariamente envolve o investigador na filosofia, formal e erudita, ou popular e individualista. Assim é que, quando alguém começa a apresentar um argumento baseado em raciocínio, já está falando como um filósofo, quer queira quer não queira. Tertuliano conhecia a filosofia, e usava argumentos filosóficos contra os filósofos incrédulos. Portanto, ele era um filósofo que argumentava contra a filosofia. Porém, se descrevermos pontos de vista históricos relativos à apologética, para todos os propósitos práticos isso equivalerá a descrever aquilo que vários pais da Igreja e cristãos posteriores pensavam sobre a filosofia. Quanto mais uma pessoa distanciar-se da filosofia, menos valor dará à apologética, como uma atividade legítima para os cristãos.

- **Tertuliano.** Supunha que a filosofia é produto da mente pagã, e conseqüentemente, inútil para defender a fé cristã. Isso equivale a ignorar: a) a base bíblica da apologética; e b) que não há razão pela qual não possa haver uma atividade filosófica cristã. Se a razão vem da parte de Deus, e se alguém a usa de maneira sistemática, já estará agindo como um filósofo, utilizando-se de um dom divinamente outorgado. Podemos evitar os abusos. Houve pais latinos, como Arnóbio, Lactâncio e outros que seguiram a idéia de Tertuliano.
- **Os Pais Alexandrinos.** Clemente, Orígenes, etc. Proposital e habilidosamente eles usavam filosofia platônica e estoica para dar à fé cristã uma expressão filosófica. A filosofia pode aguçar os conceitos teológicos. Qualquer pessoa que tenha estudado Filosofia pode usá-la para definir, aclarar e aprimorar seus conhecimentos teológicos. Um teólogo que tenha estudado filosofia pode tornar-se um melhor teólogo. Podemos evitar os abusos.
- **Agostinho** ensinava que a filosofia é uma criada útil que pode ser empregada em favor da fé religiosa, esclarecendo-a e defendendo-a.
- **Tomás de Aquino** foi um apologeta refinado. Sua obra Suma contra Gentiles defendeu a fé cristã contra a maneira materialista e não-espiritual como certos filósofos árabes (como Averróis), utilizavam a filosofia de Aristóteles. A apologética de Tomás de Aquino foi tão bem-sucedida que se transformou em uma força dominante durante séculos, na Igreja ocidental.

- **Apologetas Modernos.** Os ataques desfechados por deístas e racionalistas contra a fé cristã produziram apologetas modernos como o bispo Joseph Butler, da Igreja anglicana. Sua famosa obra, *Analogia da Religião*, é uma obra apologética.
- **Karl Barth e sua escola** (início de meados do século XX) tomaram uma posição negativa em relação à apologética, argumentando que tal atividade reflete uma espécie de “falta de fé”, porquanto a fé não requereria defesa, por não estar alicerçada sobre a razão humana e a filosofia. Porém, ao expressar-se assim, Barth fazia a apologia de seu ponto de vista particular do conhecimento e da fé. Muitas pessoas, outrossim, não tinham certeza se a fé de Barth era adequada, ou representasse qualquer acúmulo considerável de verdade, pelo que se tornou necessária toda a forma de atividade apologética para esclarecer as coisas.
- **Rudolf Bultmann** resolveu redefinir a kerigma (pregação) do Novo Testamento, erigindo uma apologética elaborada a fim de levar avante o seu propósito. Alguns pensam que ele chegou a ponto de querer satisfazer todas as categorias do pensamento moderno, assim debilitando a mensagem que vem mediante a revelação, ao admitir dúvidas demais e ao promover revisões evidentemente desnecessárias.

Quando a Igreja enfrenta os ataques dos ateus, dos agnósticos, dos empiristas radicais, dos positivistas, dos relativistas, então torna-se mister que a apologética continue sendo considerada um ramo da teologia cristã. Nunca é bastante dizer “fé somente”, porque a própria fé é definida por uma atividade apologética, consciente ou inconscientemente.



**AULA**  
**02**



## 2 - A NATUREZA DO ANTIGO TESTAMENTO

A palavra hebraica para Bíblia é Tanach, composta pelas consoantes T-N-Ch, que representam as três divisões das Escrituras: Torá (Pentateuco), Neviim (Profetas) e Ketuvim (Escritos). De forma genérica, costuma-se designá-la por Torá, que em hebraico significa "orientação", correspondendo à sua relação com o povo, uma orientação para a vida.

Leopold Zunz, um historiador da religião judaica do século XIX, deu, certa vez, uma caracterização muito feliz da Bíblia. Ele disse que a Bíblia tinha servido de "pátria portátil para os judeus". Uma idéia semelhante tinha sido expressa nove séculos antes pelo rabino Saádia, o Gaon (Reitor) da Ieshivá (Academia) de Sura: "Israel só é um povo graças à Torá". Esse fenômeno de uma Escritura que congrega em si a filosofia da crença religiosa, o guia de conduta moral, e que, num passado não muito remoto, abrangia e governava a totalidade da vida judaica, foi observado com admiração por Heinrich Heine, o grande poeta alemão, que declarou: "Os judeus podem consolar-se de haver perdido Jerusalém, o Templo, a Arca da Aliança, os vasos de ouro e os tesouros preciosos de Salomão. Tal perda é insignificante em comparação à Bíblia – o tesouro imperecível que salvaram. Se não me engano, foi Maomé quem denominou os judeus de 'O Povo do Livro' – nome que conservaram até o dia de hoje e que é profundamente característico. Esse livro é a sua pátria, seu tesouro, seu governante, sua felicidade e sua maldição. Vivem dentro dos limites pacíficos desse livro. Exercem ali seus poderes inalienáveis. Ali não podem ser espezinhados e nem desprezados". Sem a Bíblia seria impossível imaginar como os judeus poderiam ter sobrevivido como povo distinto ou como comunidade religiosa durante tantos séculos e através de tantas vicissitudes".

A essa Bíblia judaica nós chamamos de Antigo Testamento. A palavra "testamento" é de origem grega, diatheke e significa aliança, concerto ou testamento. O primeiro a aplicar o nome "Antigo Testamento" às Escrituras hebraicas foi Tertuliano.

Se tomarmos por certo que o Deus verdadeiro é um Deus imanente, presume-se que essa imanência não é passiva, mas comunicativa. Deus é um Deus que se comunica. O Antigo Testamento pode ser tomado como a voz de Deus. É Deus incessantemente se relacionando dentro do espaço-tempo com suas criaturas, é o princípio desta voz através de seus servos e profetas.

Contextualmente, este livro foi dado a um povo, a descendência de Abraão. Embora, secundariamente, suas promessas podem se estender a toda a humanidade, ele foi destinado precisamente aos Filhos de Israel. Toda a razão da existência do povo judeu depende deste Concerto, depende deste livro. Há três pensamentos básicos que permeiam todo o Antigo Testamento:



- A promessa de Deus a Abraão;
- O concerto de Deus com a descendência abraâmica;
- A promessa de Deus a Davi.

Entretanto, ao lermos as páginas desse livro, percebemos que esta voz tem uma direção certa. Há toda uma preparação que culmina para um só evento – a chegada do Messias.

Todas as profecias, cerimônias e rituais apontam inequivocadamente para a vinda de Cristo e sua obra, e isto desde Gênesis a Malaquias. Os escritores do Novo Testamento constantemente testificavam desta verdade ratificando as palavras do Antigo Testamento. Há uma gama enorme de textos do Antigo Testamento nos escritos neotestamentários.

Pelo próprio teor de todas essas promessas há de se deduzir que os escritores queriam transmitir não contos míticos, mas uma história verdadeira. Não há um só vestígio no Antigo Testamento mostrando que essa literatura seja não-histórica. Cada página mostra que seus autores escreveram com propósitos de persuasão. Seria difícil e até impossível persuadir uma nação inteira de sua identidade ideológica com contos inverídicos! Quem iria morrer em batalhas sangrentas, muitas vezes em desvantagem militar do ponto de vista qualitativo e quantitativo, em prol de invencionices? E o pior, se considerarmos a ignorância da nação sobre tais dados fictícios, mesmo assim seria difícil de acreditar que homens piedosos inventariam tais coisas sabendo que seu povo poderia ser dizimado defendendo ardentemente a crença em meras lendas que eles mesmos inventaram! Definitivamente, esse estereótipo, como muitas vezes é passado, não reflete o caráter dos escritores do Antigo Testamento. Daremos em seguida, para título de conhecimento, um breve resumo da estrutura dos livros do Antigo Testamento.

Não obstante ser a Bíblia o livro mais vendido no mundo inteiro, nem por isso todo povo tem perfeito conhecimento dela, muito especialmente no Brasil. Lida pelos pregadores e mesmo pelos crentes, dela se valendo muitos para reforçar as suas opiniões em matéria de moral e mesmo filosofia, ainda assim se pensa que a Bíblia é livro para ser interpretado por especialistas em matéria de exegese. Este ponto de vista é especialmente verdadeiro quanto ao Antigo Testamento.

Até certo ponto, são responsáveis por tais idéias os intérpretes inexperientes, que procuram colocar o Antigo Testamento dentro do Novo ou vice-versa, ignorando a situação histórica de cada parte. Se o A.T. é apenas o Novo em hieróglifos, então é muito mais fácil ler apenas o Novo Testamento e desprezar o Antigo. Qualquer estudo feito à margem da história do Antigo Testamento é a mesma coisa que lhe tirar a vida e formar um esqueleto.

Muitos dos críticos têm dado sua contribuição a esta maneira de entender o Antigo Testamento e de criar uma antipatia de todo desnecessária. Muitos deles decompueram-no em pedaços, como se estivessem fazendo um estudo anatômico, tirando-lhe toda a conexão histórica e destruindo a verdade ou relegando-a a um plano de segunda categoria. Um grande escritor disse: “eles começaram com um canivete e terminaram com um machado” ou como outro afirmou: “eles foram ataçados pelas fascinantes cavilações da vaidade humana.”

Todavia, valiosa contribuição foi feita ao estudo do Antigo Testamento no sentido de que é impossível interpretar uma passagem deslocada do seu lugar e do sentido histórico; e o estudo destes críticos tem sido feito de tal modo que todo o peso e o valor das verdades espirituais foram totalmente negligenciados. A sua ênfase evolucionista levou-os à convicção de que apenas pequenas porções do Antigo Testamento são dignas de estudo: as dos profetas do oitavo século antes de Cristo, quando o Antigo Testamento alcançou o seu ponto culminante.

Entretanto, para os escritores do Novo Testamento, o Antigo tinha outro valor muito diferente. Não se detiveram apenas nos livros do Antigo Testamento que mais se aproximavam dos ensinamentos de Jesus, mas contemplaram a história dos hebreus no seu todo, culminando com a revelação de Deus ao Israel espiritual, por meio da encarnação do Filho. Em Jesus mesmo encontramos essa atitude. Ele sempre considerou as Escrituras como um todo e nunca como uma compilação.

Outros, por sua vez, diminuem o Antigo Testamento, quando o comparam com o Novo Testamento. Afirmam que, sendo o Novo Testamento o cumprimento do Antigo, o estudo das Escrituras judaicas é de pequena valia. Tal opinião é tão estulta como a do estudante que imaginasse começar o seu estudo da linguagem do Antigo Testamento numa classe de Hebraico adiantado, na suposição de que somente num estudo avançado é que se pode compreender a revelação completa.

A verdade é que, para se compreender o hebraico, tem de se passar pelo vale preliminar da iniciação desta língua. Do mesmo modo, os que pretendem entender o Novo Testamento ignorando o Antigo são passíveis de penalidades, pelas injustiças e incompreensões de suas interpretações. Tal atitude tem levado muitos eruditos a interpretar o Novo Testamento segundo a literatura e pensamento gregos, ignorando ou pretendendo ignorar o conceito e a natureza hebraica, que lhe deram origem.

Esta tem sido a característica feição da história do pensamento cristão. Nos últimos anos, entretanto, a maior ênfase da erudição neo-testamentária tem sido posta na unidade essencial da Bíblia. Como um escritor muito bem disse: “Nenhum progresso ou compreensão do cristianismo primitivo será possível, a menos que a arca da exegese do Novo Testamento seja reconduzida de sua má troca nas terras dos filisteus ao porto seguro

das Escrituras clássicas do Antigo Testamento, à Lei e aos Profetas.” Contrariamente, o Antigo Testamento não deve ser estudado independente do Novo, porque é este que abre a porta de muitos mistérios do Antigo Testamento, inclusive do plano e propósito que presidiram a sua revelação.

Talvez a maior dificuldade que uma pessoa que deseja compreender o Antigo Testamento encontre seja justamente a inadequada compreensão de sua literatura. O meio pelo qual os escritores comunicaram os seus pensamentos foi a linguagem. A arte de falar é a principal bênção pela qual as idéias de uma pessoa podem ser comunicadas a outra. A linguagem, por sua vez, tem suas formas definidas, as quais levam consigo suas leis e seus modos de interpretação.

Se um escritor bíblico usou um tipo particular de literatura, o seu pensamento deve ser interpretado de acordo com as leis universais da linguagem, daquele modo de expressão. A menos que uma pessoa seja capaz de determinar se certa passagem é uma ousada imaginação poética ou apenas prosaica declaração de um fato científico, a sua interpretação deve, necessariamente, ser precária. Se tal fato não puder ser devidamente determinado, o significado da passagem deve permanecer em dúvida.

Uma vista de olhos à Bíblia em português revelará que bem pouco auxílio poderá obter um leitor para descobrir o tipo de literatura de uma passagem qualquer. Se abriremos a Bíblia em qualquer ponto, verificaremos que ela foi arbitrariamente dividida em capítulos, livros e versos. Não compreendendo que os capítulos e versos foram colocados para facilitar a leitura, o leitor comum concluirá que aquelas divisões sempre fizeram parte da Bíblia, sabendo nós, entretanto, que o original não tinha nem capítulos nem versos. Certamente tais coisas ajudam a compreender as Escrituras, mas a literatura sagrada sofreu muito por causa de tal desmembramento. Imagine-se o que aconteceria se os poemas de Tennyson fossem editados em capítulos e versos, sem qualquer consideração para com o arranjo original. Entretanto, foi justamente isto que aconteceu com a Bíblia.

Há alguns que consideram o estudo literário das Escrituras como desaconselhável, como se a admiração da beleza de uma flor prejudicasse a apreciação do seu admirável odor. Antes de qualquer coisa poder ser admirada, deve ser capaz de atrair. O manejo teológico das Escrituras tem destruído muito da sua beleza e atração. Precisamos renovar a apreciação da beleza das narrativas bíblicas, porque isso é o mesmo que abrir a porta à realização da revelação fundamental. É uma tragédia da moderna civilização que os estudantes dos colégios e universidades tenham sido ensinados a apreciar as belezas e sublimidades das obras de Byron e Shakespeare, Browning e outros e tenham permanecido inteiramente ignorantes da grandeza e magnitude da maior literatura que o mundo já conheceu, só porque esta se encontra na Bíblia. Se tal literatura estivesse em qualquer outro livro, o mundo inteiro se curvaria ante ela.

## 2.1. Sumário da História do Cânon do Antigo Testamento

Ao examinarmos as evidências a respeito da inclusão de um livro entre os considerados sagrados pelos judeus, devemos observar as três divisões em que se agrupa a Bíblia Hebraica, como já notamos acima. A Lei, por sua própria natureza e antiguidade, deveria ocupar o primeiro lugar. Quando ela foi considerada como divina instituição, não sabemos. Sabemos, sim, que Moisés recebeu de Deus a maior parte do material nela contido, e que este material foi desde logo considerado autorizado. Alguns profetas, especialmente Oséias e Amós, pertencentes no oitavo século, revelam-se familiares com os ensinamentos do Pentateuco, e quando o Deuteronômio foi encontrado no templo, por ocasião da reforma de Josias, foi também considerado divinamente inspirado, pelo povo e pelo rei, isto em 621 a.C.

Ao tempo de Esdras e Neemias (cerca de 400 a.C.), a Lei tinha aceitação universal como livro inspirado entre os judeus. Certamente, deve ter sido assim considerado por muitos anos ou Séculos antes, mas não temos informações diretas a respeito disso, pelas seguintes razões:

1. O Pentateuco Samaritano data do cisma realizado por ocasião da reconstrução da cidade de Jerusalém, quando, ao que se acredita, foi levado para lá pelo renegado Sambalate. Logo, devia ser considerado como Escritura, muito tempo antes. Os samaritanos sustentam datar de 722 a.C.; os críticos, porém, negam-lhe esta idade, por considerações da natureza do manuscrito. Todavia, mesmo que o manuscrito do Pentateuco Samaritano seja de data posterior, nada impede que o texto seja muito mais antigo.
2. A Lei foi lida por Esdras, desde a alva até ao meio-dia; isto não deve ser entendido no sentido de apenas um dia de sol (Neem. 8:3). Esta leitura não importou na sua canonização, como querem fazer entender alguns críticos, mas apenas levou o povo a reafirmar a sua fidelidade à Lei dos seus pais. Por causa de sua infidelidade a esta mesma Lei e que eles tinham sido levados em cativeiro. E, agora que se preparavam para recomeçar a sua história, convinha que se dessem conta da sua importância na vida nacional.
3. Os escritos pós-exílicos, durante e depois de Esdras, todos se referem à Lei, com especial reverência (Mt 4.4). Concluímos que a Lei era há muitos anos considerada canônica, e a sua inobservância tinha dado causa aos sofrimentos do povo.

Os Profetas deviam ter sido o segundo grupo de livros a ser aceito como divinamente inspirado. No prólogo ao Eclesiástico, Jesus Ben Siraque (cerca de 132 a.C.) escreve que os judeus tinham já três divisões na sua Bíblia Hebraica: a Lei, os Profetas e os outros livros. No mesmo livro de Eclesiástico, Jesus Ben Siraque, o avô (cerca de 180 a.C.), menciona

Jeremias, Isaías, Ezequiel e os doze Profetas Menores, e dá evidências de que o Cânon já estava fechado naquela época. Muito naturalmente os profetas individualmente, desde há muito, tinham sido considerados inspirados, o mesmo se podendo dizer dos demais livros que receberam a sua aceitação pelo povo, como inspirados, em virtude da função dos seus autores. Assim temos provas de que, como Cânon, a Bíblia Hebraica estava completa no ano 180 a.C. Quantos anos ou séculos antes teria ela sido assim considerada, não sabemos.

Os Escritos ou Hagiógrafos foram o último grupo de livros a ser aprovado como um todo. A referência definida de Jesus Ben Siraque (avô) a “outros livros” indica isso perfeitamente. A inclusão de qualquer livro nesta seção, nesta época ou mesmo posteriormente, não significa que ele fosse escrito depois, porque bem poderia até estar escrito há muito.

## 2.2. Quando foi Concluída a Terceira Parte da Bíblia Hebraica?

As referências que temos em Macabeus, Josefo e em o Novo Testamento indicam que Jesus e os apóstolos possuíam o Antigo Testamento substancialmente, como nós o temos hoje. A data da versão dos LXX pode esclarecer este assunto; todavia acreditam alguns que ela não foi terminada antes do ano 100 antes de Cristo ou mesmo mais tarde.

Não há qualquer evidência de que os livros Apócrifos, que aparecem na Vulgata Latina, tivessem sido incluídos na coleção sagrada dos judeus. Jerônimo mesmo, que fez a versão, nega esta validade.

O estudante deve notar que, até ao primeiro século da era cristã, não havia qualquer corpo organizado com o encargo de determinar quais os livros que deviam ou não deviam ser sagrados. Não há qualquer evidência de que já alguma vez existisse tal grupo de homens. O Concílio de Jânia (A.D. 90, 118), composto de eruditos judeus, não determinou a extensão do Cânon hebraico, como pretendem certos críticos. O que eles discutiram foi a respeito de certos livros que já se encontravam lá, e esta discussão não versou sobre a autoria de alguns livros que se achavam no Cânon.

Discutir a autoria de um livro e a canonicidade do mesmo livro são assuntos fundamentalmente diferentes. O mundo inteiro deu a sua aprovação ao Cânon hebraico muitos séculos antes de os críticos começarem a discutir tais assuntos. Livros após livro foram aceitos pelo povo como inspirados, dentre dezenas de outros que assim não foram considerados, e a base para esta aceitação (de uns) e rejeição (de outros) teria dependido do caráter dos mesmos livros e seus autores, relacionados com a passada revelação divina. Deus mesmo deve ter tido a sua parte nesta seleção, como a teve em tantos outros assuntos, de modo que a formação do Cânon hebraico e neotestamentário não foi um



processo histórico propriamente dito, mas um ato divino, quer na chamada dos seus autores quer na seleção dentre muitos outros livros existentes.

### 2.3. A Infalibilidade dos Autógrafos Originais

Precisamos, como próximo passo, levantar a pergunta: que tipo de registro este há de ser? Um contendo erros de vários tipos, ou um registro livre de qualquer erro? Se esta revelação escrita contém erros, então dificilmente poderá cumprir seu próprio propósito, o de transmitir aos homens de maneira digna de confiança, a vontade de Deus para a sua salvação. Por que é assim? Porque um erro comprovado numa parte faz surgir à possibilidade de haver erros em outras partes da Bíblia, sob exame, acaba sendo uma mistura de verdade e erro, então fica sendo um livro como qualquer outro.

Sem dúvida, há verdades em todos os demais documentos religiosos conhecidos aos homens: o Alcorão, os Vedas, os Upanichades, os Analetas, a Ilíada e a Odisséia, muito embora que esta verdade possa coexistir com uma abundância de erros. O que se deve fazer com livros deste tipo, que contêm verdades e erros? A única coisa que se pode fazer é sujeitá-lo à faculdade crítica do raciocínio humano.

Dentro dos seus limites apropriados, bem entendido, o poder de raciocínio do ser humano tem uma função legítima e necessária em aquilatar as evidências apresentadas nestes documentos, para descobrir se são consistentes com a alegada origem divina. Neste caso, é uma questão de reconhecer a identidade daquilo que se apresenta como sendo uma revelação, averiguando se é a palavra de Deus ou não. O raciocínio humano é competente, aplicando-se as regras de contradições internas e os demais cânones da lógica, para julgar as evidências, para determinar se os próprios textos e os dados ali registrados se condizem com as reivindicações da sua origem divina.

Mas é coisa bem diferente quando o raciocínio humano quer emitir seu julgamento sobre a revelação divina como tal, para determinar sua veracidade ou falsidade. Tais julgamentos só poderiam ser válidos se quem julga possui um conhecimento de verdade metafísica que é superior aquele da própria revelação. Noutras palavras, o homem precisaria saber mais sobre Deus e a alma e valores espirituais se quisesse emitir um Juízo válido quanto às verdades da Bíblia. Mas isto obviamente não é o caso, conforme foi indicado previamente, e por isto mesmo, o homem depende totalmente da revelação divina para receber este conhecimento tão importante. Por este motivo, a única maneira pela qual esta revelação pode chegar ao homem numa forma que possa ser empregada e merecedora de confiança, sem ter que depender da exatidão do julgamento humano tão falível, seria como revelação infalível. Senão, não poderia cumprir seu propósito de ser s manifestação, digna de confiança, da verdade divina.



# PARABÉNS!!!

**VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!**

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

**:: CURSOS DE TEOLOGIA ::**

[www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia](http://www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia)

**:: BLOG DE TEOLOGIA ::**

[www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia](http://www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia)